



## Verdades históricas, recalques individuais

Historical truths, individual settlements

Flavio Botton<sup>1</sup>

Resenha de:

GAY, Peter. **Represálias Selvagens**. Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 186 p.

Tão antigas quanto a própria cultura, as tentativas de elucidar as relações entre “literatura” e “história” já são encontradas em Aristóteles. Sempre citado quando o problema vem à baila, diz o pensador grego que uma seria mais filosófica, a outra menos genérica; uma procura o que poderia ter acontecido, a outra o que realmente aconteceu.

Na esteira dessas afirmações pode ser lido o livro acima do professor emérito de História da Universidade de Yale, Peter Gay, autor de várias obras já publicadas no Brasil, como **Freud, uma vida para o nosso tempo** e do controverso **Modernismo: o fascínio da heresia**, que despertou a ira de jornalistas e professores.

Sua proposta inicial é mostrar que a literatura pode ser um “tesouro” que tem a possibilidade de levar o leitor a conhecer o mundo que produziu a obra. Porém, estabelece, desde o princípio, um ressalva: ela pode ser também um documento “traíçoeiro”. Essa advertência, percebemos depois, tem caráter estruturador da obra de Peter Gay. Para desenvolver sua concepção de literatura como documento histórico, abre seu pensamento com Dickens, pouco indicado ao estudo histórico, segue com Flaubert, admitido, com restrições e, fecha com Thomas Mann, o mais apropriado dos três para o estudo histórico.

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura Portuguesa e História da Arte da Universidade do Grande ABC. Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Os três “episódios” tratados justificam-se, na verdade, por uma outra especialidade do autor, a psicologia. Se, como ele afirma, o romance traz a “intersecção estratégica entre a cultura e o indivíduo, entre o macro e o micro” (p. 16) é legítimo pensar que alguns dos recalques do romancista impeçam-no de ver a “verdadeira” história. Esse é, por exemplo, o problema que obstrui parcialmente a utilização das obras de Flaubert como fonte histórica. Por esse motivo, é sempre preferível “consultar uma segunda opinião”, aconselha o “doutor”.

O tema da obra de Peter Gay não poderia ser mais atual e a edição da Companhia das Letras é impecável. Impressiona desde a escolha da capa, em que temos um grande exemplo de união entre arte e história, o **Estúdio do Artista**, quadro de Vermeer que decorou o salão particular de Hitler durante sua liderança. Repleta de alusões ao cotidiano do pintor do século XVII, assim como de referências à decadência dos Habsburgo nas províncias do Norte da Holanda, vemos ainda o cavalete a apontar o mapa do país, enquanto os pincéis traçam a coroa de louros de Clio, a musa da história, que estão sobre as mãos do pintor. Faz-se aí quase um resumo da obra de Peter Gay.

Porém, há algumas más escolhas que saltam aos olhos. Em sua conclusão, por exemplo, mesmo acreditando que a “imparcialidade não é o objetivo”, o gosto pessoal de Peter Gay desestrutura parcialmente sua obra. Falamos de todos os comentários trazidos sobre Garcia Marques e seu **Outono do Patriarca**, que acabam por não se encaixar com perfeição nos moldes de análises anteriores.

Além disso, justifico o meu intróito com Aristóteles: as conclusões de Peter Gay não vão muito além do que as reflexões sobre as afirmações do filósofo proporcionam: “as personagens mais individualizados do romancista podem representar simultaneamente realidades mais inclusivas” (p. 150) ou seja, como diria o pensador, a poesia é mais filosófica que a história, pois refere-se principalmente ao universal.